UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

MATHEUS VITÓRIO LOPES GONÇALVES

PSICOLOGIA ESCOLAR EDUCACIONAL NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maceió – AL
2023

MATHEUS VITÓRIO LOPES GONÇALVES

PSICOLOGIA ESCOLAR EDUCACIONAL NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) de natureza relatório de estágio, apresentado como requisito para a conclusão do curso de psicologia da Universidade Federal de Alagoas, sob orientação da profª Dra. Angelina Nunes de Vasconcelos.

Maceió – AL
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO/A: Matheus Vitório Lopes Gonçalves

TÍTULO

PSICOLOGIA ESCOLAR EDUCACIONAL NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br
ANGELINA NUNES DE VASCONCELOS
Data: 11/08/2023 07:08:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____ _____

Prfa Dra Angelina Nunes de Vasconcelos
ORIENTADOR/A

Documento assinado digitalmente
gov.br
NADJA MARIA VIEIRA DA SILVA
Data: 10/08/2023 21:00:26-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Profa Dra Nadja Vieira
AVALIADOR/A

APROVADO EM 02/08/2023

Documento assinado digitalmente
gov.br
SAULO LUDERS FERNANDES
Data: 16/08/2023 07:44:52-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Saulo Luders Fernandes
COORDENAÇÃO DE TCC

PSICOLOGIA ESCOLAR EDUCACIONAL NO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Matheus Vitório Lopes Gonçalves

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência sobre atuação de um estudante de psicologia no ensino público como estagiário de psicologia e no ensino privado como auxiliar de coordenação. A partir da ideia de encontro dialogal de Martin Buber, esta proposta objetivou comparar as diferentes relações com os grupos da comunidade escolar: relação com professores, com a equipe pedagógica, com estudantes e com familiares. Dois fatores se apresentaram como centrais para as diferentes relações construídas no ambiente escolar: os objetivos pedagógicos da escola e o perfil socioeconômico dos estudantes.

Palavras-chaves: psicologia escolar educacional; ensino público e privado; encontro dialogal

EDUCATIONAL SCHOOL PSYCHOLOGY IN PUBLIC AND PRIVATE EDUCATION: EXPERIENCE REPORT

Resume: The purpose of this article is to present an experience report on the performance of a psychology student in public education as a psychology intern and in private education as a coordination assistant. Based on Martin Buber's idea of dialogical encounter, this proposal aimed to compare the different relationships with groups in the school community: relationships with teachers, with the pedagogical team, with students, and with family members. As a result, differences between X, Y, Z were evidenced.

Keywords: education school psychology; dialogical meet; public and private education

INTRODUÇÃO

A Psicologia escolar, focada em promover melhores relações no ambiente educacional e facilitar o desenvolvimento pedagógico dos estudantes, é uma das possíveis áreas de atuação dos psicólogos. Entretanto, historicamente a psicologia escolar foi construída com uma visão patologizante, servindo como forma de ajustar alunos tidos como "problemáticos" (VALLE, 2003). Essa visão individualizante ainda perdura no cotidiano escolar, porém houve avanços significativos na direção de modificar esse cenário, já que o órgão máximo da educação no Brasil, Ministério da Educação, desenvolveu um currículo mais humanizado promovendo o desenvolvimento pleno dos estudantes, respeitando a individualidade e o tempo de aprendizado de cada aprendiz (BRASIL, Ministérios da Educação, 2018). Além disso, a Lei Brasileira da Inclusão (LBI) – Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 - é um marco histórico no caminho de tornar a inclusão um pilar da diversidade, direcionando a escola para um lugar coletivo e para todos, responsabilizando a comunidade escolar também pelo sucesso ou fracasso dos alunos nomeados historicamente como "problemáticos". Acrescenta-se ainda que a própria Psicologia avançou na temática ao escancarar que os direitos humanos estavam sendo negligenciados e novas desigualdade surgiam na escola (PATTO, 2017)

Para além do trabalho com estudantes, o psicólogo escolar se torna peça fundamental para a construção de diálogos, reflexões e mudanças nas instituições de ensino, uma vez que a habilidade da formação em psicologia é a escuta qualificada e a mediação de relações interpessoais. Ademais, a comunidade escolar só se sustenta de forma saudável quando há uma integração entre diferentes profissionais como psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, professores, merendeiros, dentistas, professores dentre outros. Diante disso, Arruda (1984) afirmar que

> Psicólogo escolar como agente de mudanças dentro da instituição-escola, onde funcionaria como um elemento catalizador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição.

Relações específicas são promovidas pelos diferentes grupos de uma escola: grupo de professores, da equipe pedagógica, dos estudantes e dos familiares. Diante disso, é fundamental uma ética relacional focada na construção de vínculo humanizado, o que Filósofo e pedagogo Martin Buber definiu pelas palavras Eu-Tu e Eu-Isso, segundo Silva (2020),

> Martin Buber acentuou de forma clara duas atitudes que o homem pode ter frente ao mundo. Tais atitudes se traduzem pelas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu refere-se a uma atitude de encontro do Eu e do outro que se está em face. Encontro onde acontece a reciprocidade, a vida dialógica. A palavra-princípio Eu-Isso refere-se a coisas da experiência, coisas objetivantes, é quando se toma algo em sentido utilitário e não se vivencia o diálogo de forma autêntica. Para Martin Buber o indivíduo somente pode realizar-se de maneira plena através de um comprometimento verdadeiro com o próximo. Isso somente ocorrerá quando ele efetivar uma relação de diálogo e comprometimento com o outro, por meio da relação Eu-Tu.

A partir dessa perspectiva de ética relacional de Martin Buber, o presente trabalho reflete sobre a experiência escolar com a finalidade de produzir novos vínculos e elaborar questões cristalizadas, permitindo o surgimento do novo e da escuta do outro. Tais objetivos são permitidos com a utilização de ferramentas focadas nas construções coletivas, como dinâmicas em grupos e oficinas, que fazem parte dos instrumentos de trabalho do psicólogo escolar (MARINHO-ARAUJO, 2005).

Este artigo é composto pela inserção de um estudante de psicologia no ensino público como estagiário em uma escola municipal de Maceió e no ensino privado como auxiliar de coordenação em regime empregatício em uma rede de ensino do Rio de Janeiro. A relevância deste trabalho está relacionada a fomentar a produção científica, colaborando para o crescimento da psicologia escolar no país, uma área ainda em desenvolvimento.

MÉTODO

Este relato de experiência foi construído a partir de duas diferentes atuações. A primeira, na escola privada, teve início em janeiro de 2021. Neste caso, meu papel era o de auxiliar de coordenação, voltado para dar suporte aos professores tanto no acompanhamento quanto na supervisão de alunos em atividades escolares; Realizar atividades administrativas, como organização de arquivos e documentos; Fornecer suporte aos alunos: orientação de estudos e às famílias: acompanhamento pedagógico.

Em relação à escola pública, as minhas funções como estagiário de psicologia iniciaram em setembro de 2022 e s versavam no papel multidisciplinar da psicologia educacional escolar, como: orientação à comunidade escolar; atuação em sala de aula por meio de oficinas; colaboração para o bom relacionamento entre equipe escolar e família e fortalecimento do vínculo internamente da equipe escolar.

Além das específicas funções exercidas, as experiências foram diferentes, desde questões geográficas até objetivos pedagógicos. Tais aspectos foram reunidos na *tabela 1* a fim de marcar a heterogeneidade.

Tabela 1 - Diferenças entre as escolas

Diferenças	**Escola Pública**	**Escola Privada**
Relação com a instituição	Estágio obrigatório	Regime trabalhista CLT
Função exercida	Estagiário de Psicologia	Auxiliar de Coordenação
Tempo de dedicação semanal	12 horas	44 horas
Período acadêmico na universidade	9º e 10º	6º e 7º
Ano da atuação	2022 e 2023	2021
Contexto da pandemia de Covid-19	Aulas totalmente presenciais, sem rodízio[2] e com medidas de prevenção[1]	Aulas parcialmente presenciais, com rodízio[2] e medidas de prevenção[1]
Tempo de atuação	10 meses	8 meses
Localidade	Maceió	Rio de Janeiro
Segmento	Fundamental I	Fundamental II (9º ano) e ensino médio
Quantidade de Alunos	205	147

Fonte: autoria própria

[1]Medidas de prevenção com uso de máscara, distanciamento social, higienização das mãos, dentre outras (BRASIL, 2020)

[2]Rodízio é a separação de uma turma em grupos a fim de reduzir o número de estudantes aglomerados em sala. Dessa forma, o grupo da semana podia ir à escola presencialmente e os outros acompanhavam de forma digital.

As experiências relatadas neste artigo são fruto das relações construídas por meio de oficinas, rodas de conversas, reuniões, contato individual, observações dentre outras coisas reunidas na t*abela 2* com finalidade de elucidar as atividades de interação com cada grupo.

Tabela 2 - Atividades realizadas[1]

Grupo	**Atividades realizadas**
Professores	reuniões de HTPC (Horas de Trabalho Pedagógico coletivo); observações em sala; Oficinas com professores; Convívio diário; Conversas de *feedback;* Acompanhamento do cronograma
Estudantes	observação em sala; orientação de estudos; acompanhamento escolar; conversas diárias e rotineiras; oficinas; mediação de alunos com deficiência
Equipe Pedagógica	reuniões semanais; reuniões de *feedback*; discussão, planejamento e execução de atividades; convívio diário
Família	reunião de boas-vindas; reunião de acompanhamento; oficinas; contato diário

Fonte: autoria própria

[1] Algumas atividades foram realizadas somente na escola pública e outras somente na escola privada. A tabela agrupou o conjunto de todas as atividades.

Por meio dessas atribuições, foram construídos vários momentos de diálogo com os grupos da comunidade escolar: professores, equipe pedagógica, estudantes e familiares. Estas ações foram registradas por meio de diários de bordo semanais e a análise de conteúdo foi realizada segundo Minayo (2008), que entende a busca de sentidos em documentos como técnica de pesquisa para investigar a comunicação entre seres humanos. A divisão ocorreu em três etapas: pré-análise, seleção das unidades de significados e a categorização. Tais etapas possibilitam, então, a realização de aproximações, de inferências e de interpretações, construindo uma narrativa a ser compreendida junto com a teoria norteadora.

AS RELAÇÕES NO ENSINO PRIVADO

Meu percurso na escola privada começou em janeiro de 2021 no período da pandemia, quando a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) estava com aulas suspensas. Sabendo que a vivência em escola era fundamental para minha formação como futuro psicólogo escolar, decidi voltar ao Rio de Janeiro, minha cidade natal, e entrar em contato com meus ex-diretores e ex-coordenadores do ensino médio solicitando uma vaga em processo seletivo ou pedindo indicações. Em uma das oportunidades, obtive sucesso através de uma conversa que durou mais de 2 horas, nesse primeiro contato percebi a necessidade avaliar as atitudes e comportamentos no processo seletivo para contratar pessoas que atuarão na educação, pois o ambiente requer muito equilíbrio nas relações. Por exemplo, o diretor me questionou sobre como eu lidaria em situações com alunos bagunceiros, responsáveis de alunos que cobram ações de forma verbal violenta, professores seguindo um programa de aulas próprio e diferente do cronograma da escola. Essa entrevista de emprego para cargo de auxiliar de coordenação, em tese uma atividade bem administrativa, deixou evidente que o ponto principal para a escola era o manejo das relações e não necessariamente a atividade em si, pois em todos os casos o questionamento se referia ao modo como eu lidaria com o outro.

Após a contratação, na relação com a equipe, no primeiro dia, listaram os casos mais difíceis da escola, como um professor que reclamava da grade de horários, um determinado pai que estava inadimplente há mais de 1 ano e duas pessoas transexuais que solicitavam o uso do nome social. Em primeira análise, dei-me conta do poder da estrutura hierárquica que existe nas instituições, em que mesmo havendo uma situação que não concordamos, nem sempre podemos fazer algo de imediato. Nesses três casos acima, o professor tinha razão, uma vez que o horário de aulas o fazia perder muito tempo no trânsito. Em relação ao responsável inadimplente, não podemos impedir o filho dele de ter acesso à educação e, no caso das duas pessoas transexuais, deveríamos permitir o uso do nome social, uma vez que a própria família aprovara, porém a instituição exigia um documento legal para solicitar mudanças no sistema. Mesmo não concordando com a postura da escola, meu papel era “ser a voz” do colégio e passar as informações. Ao professor tive que informar que infelizmente nosso horário já estava montado, mas ele poderia questionar no próximo semestre; sobre o responsável inadimplente, realizei 2 ligações no início do ano informando que conseguimos um desconto de 13,5% na dívida e verificamos se ele queria quitá-la; às pessoas transexuais, informei que era necessário

documento oficial de cartório para alterar os nomes no sistema, nas listas de chamadas e nas provas.

Tornar-me parte da equipe escolar foi um processo difícil e angustiante, já que, no exercício da função, eu precisava representar os interesses da instituição e - por vezes - desconsiderar meus valores pessoais. A formação em psicologia me ajudou a desenvolver uma visão holística da aprendizagem em que não é possível dissociar questões políticas e sociais. A minha formação teórica e humana na universidade estava em conflito em relação à minha experiência material.

Somado a esse conflito entre teoria e prática, vivenciei outra situação interna ao me dar conta da quantidade de demandas que surgem no dia a dia escolar e nem sempre foi possível suprí-las. Sempre há demandas de alunos, professores, familiares além de de eventos, oficinas e diferentes estratégias a serem realizadas. Diante desses conflitos e dessa dificuldade de manejar as demandas, tive minha primeira reunião de *feedback* em que comentei sobre essas dificuldades vivenciadas. Em uma conversa muito aberta, outras pessoas da equipe comentaram que compartilhavam dos mesmos sentimentos, porém me explicaram a necessidade de criar uma estratégia de intervenções pelo nível de urgência e analisar o nível de disponibilidade da equipe, pois não é possível realizar grandes atividades sozinho.

Como solução inicial para manejar as grandes demandas, decidimos que cada pessoa focaria em uma área: aluno, família, educadores. Eu decidi focar no relacionamento com os alunos, mais especificamente na orientação de estudos, o que consistia em ajudá-los a criarem rotina de estudos e entender como nós poderíamos auxiliar no desenvolvimento pedagógico. Criamos um objetivo de atender semanalmente 25 alunos em conversas individuais de pelo menos 20 minutos. Assim, ao final de 2 meses, teríamos conversado com todos os alunos.

Iniciei as orientações de estudos priorizando alunos do terceiro ano, já que estavam com concursos e provas mais próximas. Com público entre 16 e 18 anos foi muito importante ver as diferenças profundas em cada história, aparecendo demandas relacionadas ao futuro, onde alguns se sentiam extremamente confiantes em relação ao futuro e outros já tinham desistido de tentar os vestibulares.

Um dos grandes objetivos desse contato individual não era apenas criar um plano de estudos, mas buscar formas de adaptar os processos pedagógicos a cada estudante. Por exemplo, tive contato com estudantes que trabalhavam e, por isso, não conseguiam chegar todo dia no horário padrão do colégio. Decidimos, então, flexibilizar o horário de entrada para esses alunos. Em outra situação, percebi que havia uma parcela significativa de estudantes que estavam com muita dificuldade nos estudos e parte disso era porque se sentiam desconfortáveis

para fazer perguntas básicas em algumas aulas. Como uma das soluções, conversamos com os professores sobre separar mais momentos para ouvir as dúvidas dos alunos e marcar aulas extras, se fosse necessário.

Em todos os contatos individuais, eu me norteava pela expressão “devemos tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade” (ARISTÓTELES, 384-322 a.c). Essa frase amplamente usada no meio jurídico foi uma base para me ajudar a pensar o caminho da igualdade. Entretanto, a prática diária juntamente com o estudo em psicologia social me mostrou que a equidade educacional exige uma perspectiva que não exclua a existência de classes sociais e as relações de desigualdade. Mais do que disponibilizar o mesmo ambiente escolar, é fundamental contribuir para a plena inserção de cada estudante (GARCIA; MICHELS, 2021).

Pensar em uma educação democrática é pensar na história de cada educando e, consequentemente, entender o histórico familiar. A relação com os responsáveis na educação privada tem uma característica singular já que é mediada pelas leis de mercado em que há clientes e não mais parceiros da escola. A lógica de mercado é pautada em atender uma demanda para lucrar com a necessidade do consumidor. Nesse sentido, a demanda do cliente (família) é atendida pelo fornecedor da solução (escola), promovendo assim relações de consumo. Essa lógica de interação pode ser notada desde o primeiro contato na realização da matrícula. Alguns familiares faziam várias perguntas, “como qual a média do colégio?”, “Qual horário minha filha deve chegar?”, “Existe algum grupo de pais e mães?”. Outros responsáveis apenas assinavam os documentos necessários, não faziam questionamentos e ouviam passivamente as instruções.

Em muitos casos, os responsáveis queriam também um colégio que colocasse os filhos “no eixo”, pois se queixavam de os adolescentes só quererem acordar tarde e usar o celular. Um responsável se dirigiu a mim e disse *“pode fazer o que quiser, você tem meu aval. Meu filho é muito mimado pela mãe”.* Essa fala traduz o que Goffman (1987) conceituou como uma instituição total, um local baseado em repressão, alinhamento de condutas e despersonalização de indivíduos, criando uma cultura na escola. Segundo Costa (2004) cultura significa a proibição de certos comportamentos, a desaprovação de certas formas de ser e, ao mesmo tempo, a legitimação e promoção de outras formas de ser e atuar sobre o mundo, eleitas como prioritárias.

As demandas dos responsáveis são deslocadas para a escola, que planeja o modelo de ensino e, consequentemente, seleciona e treina os professores para atingirem os objetivos pedagógicos. No ensino privado é muito comum as aprovações em vestibular serem o grande

objetivo principal das famílias e a métrica de sucesso pedagógico. Nesse contexto, os educadores selecionados seguem, muitas vezes, um cronograma de aulas extremamente rígido, pautado majoritariamente em aulas expositivas e na resolução de exercícios. Essa configuração é o que Paulo Freire chamou de educação bancária, "um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante" (FREIRE, 1970, p. 45). Portanto, podemos dizer que a educação bancária privilegia a transmissão de conhecimento, sem se preocupar com a retenção deste.

A minha relação com os professores, enquanto auxiliar de coordenação, se pautava em verificar diariamente se o cronograma estava sendo seguido à risca e, caso não estivesse, providenciar aulas extras no contraturno dos alunos. A minha função junto com a coordenação pedagógica não era decidir sobre método de ensino, planejamento de aulas ou material didático. Nosso colégio era a base de uma pirâmide hierárquica em que no topo estava a gestão geral, que tomava todas as decisões e apenas repassava o que deveria ser seguido. Minha interação com professores, familiares, alunos e equipe era voltada para a execução dos objetivos e da manutenção da qualidade. Porém, o ambiente era rígido e não proporcionava espaço para criar o novo.

Toda a estrutura da escola me fez refletir sobre como eu poderia atuar futuramente em uma instituição parecida com as ferramentas da formação em Psicologia. A escola não tinha profissional de Psicologia e não tinha perspectiva de contratar, porém alguém da área conseguiria lidar com as demandas que sempre surgiam nas relações interpessoais. Além disso, depois de ter uma conversa sobre plano de carreira, foi colocado para mim como funciona a progressão dos funcionários da escola: auxiliar de coordenação, coordenador pedagógico, diretor pedagógico. O desenvolvimento na área exige necessariamente a formação continuada, em que o diretor, por exemplo, precisa ter formação em gestão escolar ou áreas correlatas. Fazendo uma análise de todas essas situações na escola, reconheci a importância de continuar uma graduação de qualidade, a necessidade de ter um profissional de referência para me auxiliar no processo de formação e o estudo contínuo como um pilar da atuação.

AS RELAÇÕES NO ENSINO PÚBLICO

A escola pública é a base da educação no Brasil, pois, da creche ao ensino médio, 82,9% dos estudantes estão em instituições municipais, estaduais ou federais (INEP, 2021). Por esse

motivo, decidi que meu estágio obrigatório seria necessariamente em uma escola pública, por ser a realidade da maioria dos brasileiros e por atender um público de vulnerabilidade social. O estágio em psicologia é concedido aos estudantes para exercerem a atividade profissional, em uma área específica e sob supervisão de um(a) psicólogo(a) e de um(a) professor(a) docente. A realização é feita em 2 semestre, com duração de 300 horas cada um. O estágio especificamente em psicologia escolar visa acompanhar os processos de desenvolvimento humano e aprendizado frente às demandas emergentes no contexto escolar, favorecendo a produção de competências específicas para atuação como futuro psicólogo em contextos educacionais (NATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL PSYCHOLOGISTS, 2010). Iniciei meu percurso em setembro de 2022 sendo recepcionado por uma psicóloga formada também pela UFAL, a escola municipal já fazia parte da rede de parceria criada pelo Instituto de Psicologia.

Nos primeiros dias de estágio, dediquei-me a construir vínculo com a equipe escolar, formada por assistente social, psicopedagoga, dentista, dentre outros profissionais. Nesses primeiros contatos, ficou evidente que o espaço da Psicologia ainda estava sendo construído e não era consolidado igual as outras profissões. A psicóloga, por exemplo, estava na escola há alguns meses, tendo sido aprovada no primeiro concurso para psicólogas escolares de Maceió, em um processo seletivo simplificado e temporário com duração de 2 anos, podendo ser prorrogado por mais 2 anos. Por outro lado, a assistente social estava na escola há mais de 10 anos, com contrato efetivo e uma sala própria para a execução das atividades. Diante dessas disparidades, desenvolvi meu olhar crítico para entender o modo de relações entre a equipe, ao mesmo tempo em que o espaço da psicologia escolar ainda estava sendo construído.

A atuação multidisciplinar é de extrema importância para os processos pedagógicos, promovendo ações mais efetivas para alunos e famílias. A psicóloga e assistente social, realizaram diversas reuniões com órgãos públicos para solidificar a parceria com instituições de saúde e de assistência social para facilitar encaminhamentos de exames e de terapias, uma vez que o acompanhamento pedagógico pode demandar, por exemplo, consultas médicas e avaliações psicológicas.

As ações da psicologia escolar são voltadas para o ensino, aprendizagem e desenvolvimentos dos estudantes, não havendo restrição ao "local físico" da atividade. Sendo assim, como estagiário eu estava ocupando espaços diferentes da escola: pátio, sala de aula, coordenação, sala de recursos, dentre outros espaços. Não há um local exato, mas um modo de atuar, segundo Tanamachi e Meira (2003, p. 11) "o que define um psicólogo escolar não é o seu local de trabalho, mas o seu compromisso teórico e prático com as questões da escola".

Para construir um ambiente plural e coletivo, a participação de toda equipe escolar se torna essencial, porém havia uma baixa adesão da coordenação pedagógica nos momentos de construção de vínculo com famílias e alunos. Era bastante comum programarmos uma dinâmica para abrir espaço de discussão e escuta, porém na maioria das vezes as gestoras iniciavam os momentos e se retiravam antes de iniciar a atividade programada pela psicologia e serviço social.

A coordenação pedagógica estava sempre flexível às nossas propostas de intervenção, porém se mostrava muitas vezes focada unicamente nas atividades administrativas e na organização do calendário escolar. Alcançar todos os objetivos propostos pela Secretaria de Educação é um grande desafio, demandando muito esforço e gerenciamento de áreas diferentes. Por outro lado, o engajamento da coordenação em atividades de escuta de outros grupos como família, professores e alunos é importante, uma vez que os outros sentem-se acolhidos e sabem que estão diante da equipe que representa a escola politicamente, acolhendo as demandas e lutando por melhorias para a escola.

Outro pilar da equipe pedagógica são os docentes, a figura que o aluno terá mais contato no dia a dia escolar e promove mediação entre o individual e o coletivo. Aquele que educa é o organizador do ambiente social (VYGOTSKY, 2003), que é o fator educativo por excelência. Pela relação diária, os professores percebem situações importantes e repassam a equipe de psicologia, como algum aluno com dificuldade de aprendizagem ou comunicação violenta entre os estudantes. Para investigar melhor essas demandas, pode-se realizar observações em sala, instrumento de coleta de dados por meio de fenômenos observados, focando no que carece de importância.

As docentes na escola pública, na maioria das vezes, estavam abertas a ouvir e nos ajudar, porém precisávamos fazer um trabalho de conscientização de como a psicologia escolar não é uma clínica terapêutica na escola, em que só serve para reportar os casos “problemáticos” e desviantes da norma. Com o passar do tempo, as professoras foram entendendo que minha função, juntamente com toda equipe, não era de patologizar os alunos, mas de construir momentos coletivos para o desenvolvimentos de todos. Diante desses alinhamentos da atuação da psicologia escolar, as educadoras foram se tornando cada vez mais parceiras, permitindo a execução de diferentes oficinas, ajudando no direcionamento de alguns casos e possibilitando as diferentes intervenções junto com a equipe escolar.

Acolhendo as demandas da escola e das professoras, realizamos diferentes intervenções com os estudantes, o que me permitiu entender o desenvolvimento pedagógico dos estudantes levando em consideração o perfil socioeconômico e as condições materiais da escola. Um

processo muito interessante foi observar como a demanda chega até a psicologia escolar e como ela será finalmente trabalhada. Por exemplo, muitas queixas eram relacionadas a conflitos entre meninos e meninas, como agressões e violência verbal. As professoras reportavam o problema: “Eles falam muitos palavrões sobre partes íntimas. Falam do corpo do coleguinha. Muitas brigas entre meninos e meninas, principalmente no intervalo”. Diante de uma reunião para planejar uma possível intervenção, a psicóloga criou uma série de questionamentos para diferenciar possíveis motivações desses comportamentos. Uma das questões “alunos falando muito de partes íntimas” estava relacionada iniciação dos estudantes na fase de puberdade, caracterizada, principalmente, pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal, evolução da maturação sexual (BRASIL, 2022). Fizemos, então, oficinas separadas com meninos e meninas para tratar da puberdade nas diferentes perspectivas e, posteriormente, aprofundar o assunto de forma conjunta.

A relação com os alunos na escola pública é voltada desenvolver uma formação cidadã, levando em consideração as características histórico-culturais, os ritmos e as conjunturas específicas de cada comunidade, sem perder de vista a dimensão global do mundo em que vivemos (MENEZES, 2001). Para cumprir os objetivos de uma formação plena, é necessária a participação ativa das famílias, uma tarefa que não é fácil na rede pública devido à baixa adesão dos familiares em reuniões ao longo do período letivo.

O perfil dos responsáveis pedagógicos das escolas públicas é comumente de maior vulnerabilidade social, onde a questão econômica interfere diretamente na participação escolar. Muitos pais e mães não podem se dar ao luxo de faltar ao trabalho para ir a uma reunião na escola ou têm dificuldade de pagar passagens de transporte para chegar até a instituição. Nesse contexto, a escola cumpria também o papel de suprir as necessidades básicas da população para o pleno acesso à educação. Para ter a presença das famílias em reuniões pedagógicas, a instituição disponibilizou ônibus escolar e ofereceu café da manhã para todos.

DISCUSSÃO E COMPARAÇÕES

Conforme Tanamachi e Meira (2003), a Educação deve permitir a apropriação dos bens produzidos pela humanidade por meio da socialização do conhecimento historicamente acumulado e, assim, nesse processo, possibilitar-lhes a humanização. À Psicologia caberia, portanto, garantir a apropriação desse conhecimento promovendo práticas emancipatórias e humanizadoras, sendo ela agente potencialmente transformador. Somente através de uma ética relacional é possível construir relações respeitosas e emancipatórias, tal como Martin Buber

traduz pelas palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu refere-se a uma atitude de encontro do Eu e do outro que se está em face. Encontro onde acontece a reciprocidade, a vida dialógica. A palavra-princípio Eu-Isso refere-se a coisas da experiência, coisas objetivantes, é quando se toma algo em sentido utilitário e não se vivencia o diálogo de forma autêntica. Para Martin Buber o indivíduo somente pode realizar-se de maneira plena através de um comprometimento verdadeiro com o próximo. Isso somente ocorrerá quando ele efetivar uma relação de diálogo e comprometimento com o outro, por meio da relação Eu-Tu.

Dentro do ambiente escolar, as relações do psicólogo são impactadas pela condição socioeconômica da instituição, onde estudantes de escolas públicas e privadas têm um perfil distinto. As condições materiais da escola pública eram bem mais precárias do que na escola privada, como ausência de salas climatizadas, ausência de laboratório de informática, menor valor Hora/aula dos educadores, dentre outras situações . Além disso, a rede pública é uma instituição também voltada para garantir necessidades básicas dos estudantes, como acesso a alimentação por meio merenda, acesso a consultas com médicos e dentistas, acesso a materiais didáticos e acesso a transporte gratuito.

A escola pública, ao assegurar uma vida digna cidadã a cada aluno, cria uma relação entre Eu-Tu, por desenvolver um projeto político pedagógico voltado para a integralidade do acesso à cidadania. Por outro lado, a escola privada, mediada pela relação mercadológica, sempre terá um limite na relação com o estudante que é definido pelo lucro: antes de pensar em melhorar os serviços, é avaliado primeiramente o retorno financeiro. Diante disso, as famílias e alunos recebem somente aquilo que contratam e que pagam mensalmente. A mensalidade inclui acesso às instalações da escola e às aulas, porém normalmente não inclui a alimentação na cantina, material didático e transporte escolar, entre outras coisas oferecidas no ensino público.

No tocante aos alunos, a inclusão se torna cada vez mais importante para a rede pública com contratações de psicopedagogas e mediadoras, criação de salas de recursos dentro do espaço escolar, adaptação de currículo, oficinas de conscientização sobre a diversidade escolar. Por outro lado, a escola particular não se propunha a tratar profundamente esses assuntos, pois o próprio processo de matrícula já era uma seleção, em que meu papel era esclarecer sobre a proposta do colégio e demonstrar primeiro que a instituição tinha uma “cultura” e uma forma de funcionamento, deixando nas entrelinhas que não era para todos os estudantes. Desenvolvendo desde o primeiro contato uma relação excludente e pouco preocupada em fazer adaptações para alcançar os estudantes, uma relação unilateral, sem abertura ao diálogo e ao novo: uma relação Eu-Isso.

Da mesma maneira que a condição socioeconômica, os objetivos pedagógicos das instituições de educação têm papel significativo na construção de relações, uma vez que é a partir deles que toda estrutura metodológica será fundamentada. Para criar uma comunidade escolar transformadora, é necessária a participação de todos os grupos: família, docentes, discentes, equipe pedagógica. A construção coletiva é a forma de pensar na realidade como uma obra cultural, compreendendo a comunidade escolar como algo não estático e rígido, mas adaptável ao momento histórico. Por outro lado, a escola privada em que realizei minha experiência tinha como objetivo principal a aprovação em massa dos alunos em vestibulares. Na escola pública, a alfabetização na idade certa e diminuição da evasão escolar eram os grandes desafios. Esses dois distintos cenários demonstram a disparidade entre os modelos de ensino e norteiam o que deve ser alcançado ao fim do ciclo escolar.

O Psicólogo educacional deve realizar o seu trabalho, levando em consideração os limites e as metas da comunidade escolar, buscando promover uma análise crítica, sem perder de vista as condições materiais da instituição em que atua. Segundo Pani (2018),

> A Psicologia Escolar Crítica defende a necessidade de ir além da aparência dos fenômenos, em especial os escolares, em uma análise social e histórica que considere o nível de determinação que o modo de produção capitalista impõe na formação de subjetividades e nos processos educativos, com a necessidade de conhecer a realidade histórica e social na qual se instituiu determinada interpretação sobre dificuldades encontradas no processo de escolarização.

O profissional de psicologia educacional está direcionado a manejar as diferentes relações promovidas pelos grupos dentro da escola, promovendo reflexões, escutas, acolhimento não podendo deixar de lado a criticidade em relação ao próprio fazer pedagógico. Sabendo, por isso, que a atuação em escola sempre será diferente, pois estamos lidando com grupos e classes sociais distintas, consequentemente, diferentes culturas institucionais. O que não deve variar diante de cada modelo educacional é a ética relacional, em que o contato com cada ser humano deve ser único, bilateral, recíproco e dialógico.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda. O papel do psicólogo escolar. Psicologia: ciência e profissão, v. 4, p. 43-46, 1984.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2017

DA SILVA, Maycon Renan. Eu e Tu como proposta dialógica em Martin Buber. Prometheus-Journal of Philosophy, n. 35, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso; MICHELS, Maria Helena. Educação e Inclusão: equidade e aprendizagem como estratégias do capital. Educação & Realidade, v. 46, 2021.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. Ed. São Paulo, 1987.

MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional. In: Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional. 2005. p. 121-121.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete escola cidadã. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11a ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

NATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL PSYCHOLOGISTS. Standards for the graduate preparation of school psychologists. 2010.

PANI, Sabrina Gasparetti BRAGA. Psicologia escolar em perspectiva crítica: apontamentos históricos. Revista Científica 1.1. 2018.

PATTO, Maria Helena Souza. Direitos humanos e desigualdade social. Ide, v. 39, n. 63, p. 185-197, 2017.

TANAMACHI, E. de R.; MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação. Psicologia escolar: práticas críticas, p. 11-62, 2003.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. Psicologia escolar: um duplo desafio. Psicologia: ciência e profissão, v. 23, p. 22-29, 2003.

VYGOTSKY, L. S. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.